

O Chão e a Pedra - O que nos Diz o Sertão a Partir de Baixo?¹

Wellington Amâncio da Silva

Resumo

As meditações deste ensaio fotográfico são compostas no cerne de sete narrativas gnosiológicas e ficcionais ao redor de imagens do chão e da pedra, e se fundamentam por meio do imbricamento lúdico-linguístico entre imagem e texto. Pensamos os devaneios da forma e do pictórico a partir da epistemologia metafórica de Feliciano de Mira (2013). As fotos foram executadas durante os anos de 2014 a 2017, utilizando-se de uma Canon 6D, com lente Canon 24-105mm F/4l Is Usm, da série L.

Palavras-chave

Fotografia. Chão. Pedra. Representações do Sertão. Existencialidade Nordestina.

Abstract

The meditations of this photographic essay are composed at the core of seven gnosiological and fictional narratives around images of the ground floor and the stone, and are based by means of ludic-linguistic in interlacing between image and text. We think of form and pictorial reveries from the metaphorical epistemology of Feliciano de Mira. (2013). The photos were executed during the years 2014 to 2017, using a Canon 6D, with lens Canon 24-105mm F / 4l Is Usm, L series.

Keywords

Photography. Ground. Stone. Representations of the *Sertão*. Existentiality of the *Nordeste*.

INTRODUÇÃO

Para Carlos Augusto Decupero e a Mayk Oliveira

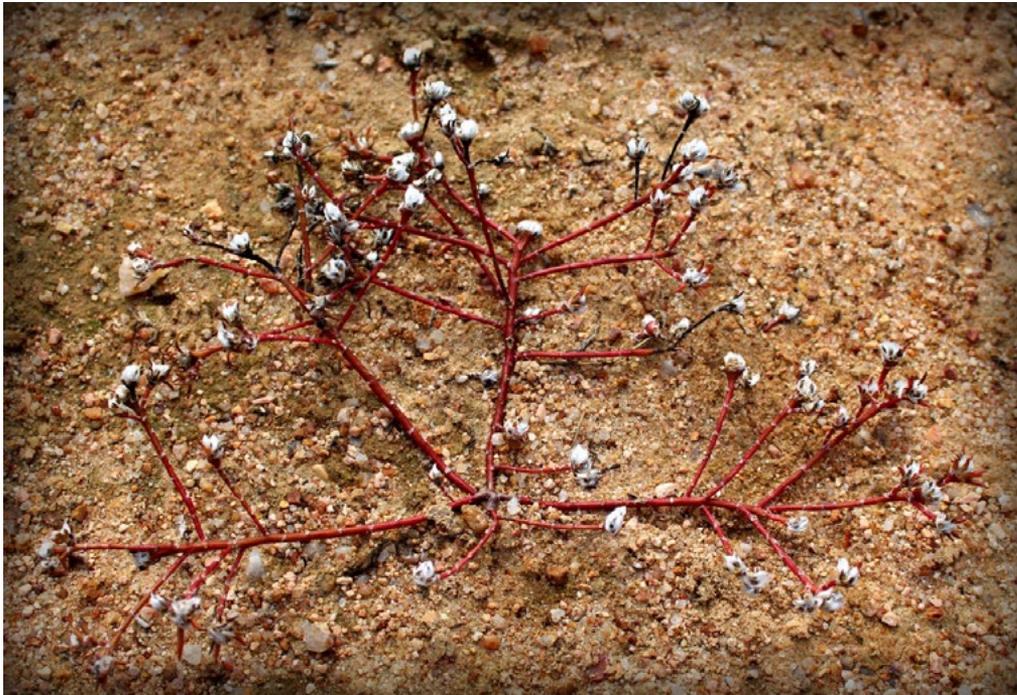
*É santa aquela árvore antiga
seu caule denso e enrugado
galhos de misteriosos meandros
em ramos negros que espalham-se
nos espaços verdes da copa
Sua estranha geometria
em vivíssima frondosidade
galhos crescidos no desalinho
da busca de cada exata curva
onde pontuam-se as folhagens
E não é em vão a complexa forma
esta singularidade sem tamanho
que já não sabemos traduzir*

[José Amancio, "O Ocaso Florido"]

A translúcida vinheta da Fotografia 1 acentua a composição em matizes de vermelho, branco e cinza. O chão de areia molhado – aparentemente pacífico – deixa comportar esta planta de pecíolos avermelhados em flores brancas. A partir do seu centro, tangencia para os quatro cantos, no percurso dos seus ramos, um desejo de seguimentos para o alto e que desabrocha em flores. Que desejo de flora reside neste gesto? Alçar ao céu ou acomodar-se no chão de proventos?

Não há dicotomias no chão. Este nos traz uma perspectiva geográfica preliminar. É a plataforma do *onde* a existência pode urdir seus sentidos, sem prescindir do imbricamento entre o ser, os entes e o chão. Neste sentido de ser sertanejo, o que nos diz o seu chão e as suas pedras a partir de suas inscrições incógnitas?

Fotografia 1



Fonte: Acervo do autor.

Fotografia 2



Fonte: Acervo do autor.

Fotografia 3



Fonte: Acervo do autor.

Os troncos de paus acinzentados pelo Sol intenso, sobre o chão molhado, trazem, em contrastes, o legado do tempo de sequidão. O cinza persistente é indômito; traz da secura pretérita os seus presságios e, mesmo assim, harmoniza-se com as cores do renovo. Nesse

amálgama, entre a lembrança seca em paus rachados e a presença aquosa do mundo, é tecido um sertão em cores, em movimentos e em formas.

Fotografia 4



Fonte: Acervo do autor.

A unidade não cassa de todo a sequeidão dos paus, cujo cinza é a expressão maior de uma peleja. As quatro raminhas verdes acentuam este contraste, sobre a perspectiva preliminar, geográfica e telúrica do chão pedroso.

O olhar sensível percebe no ente solitário uma vontade de presença em destaque. No entanto, acompanhado de uma miríade de elementos outros, filhos do mesmo carbono, tais como pedras, cacos e galhos, fazem uma litania a Sofia, pedindo-nos gestos pacíficos quando nos aproximamos. É preciso pisar ao largo, é preciso o cuidado de não submeter estes entes à sola indolente dos nossos pés.

A pedra é um desejo telúrico sem nome e sem palavras. É presença! Ainda não é sentido, porque ainda não veio até a nossa consciência e, mesmo que digamos “pedra” – e ainda não dizendo nada –, a pedra chama-se por si mesma em designação outra que não contém palavras.

Fotografia 5



Fonte: Acervo do autor.

Chamamos pedra, porque outro nome nós não saberíamos. É elemento de pura presença!

Antes, o que é uma pedra senão uma coisa, até que a tiremos do seu lugar e a coloquemos sobre uma base epistêmica, trazendo ao rol dos objetos? E o que se diz das coisas e do objeto, se diz de muitos modos e por muitas formas de narrar: poesia, ensaio, conto, metáfora, devaneios e silêncio.

Na paragem sertaneja, onde descansa um lajeiro, grande sorte de catengas esquivam-se ali, nos entremeios, fugindo das corujas e carcarás. E são os entremeios os meios-termos da sobrevivência caatingueira, da grande ou da fauna miúda.

“Tirei mandioca de chãs/ que o vento vive a esfolar/ e de outras escalavras/ pela seca faça solar”². Mas só tire se não chover, porque, do vermelho das chãs, não haveria mais poupas debaixo das suas tréguas de areia, lá onde *a natura no contristatur*.

Fotografia 6



Fonte: Acervo do autor.

A caatinga é um tipo de *amor fati* quando dentro dela perambulamos e nos reconhecemos, dela não escapamos. *Amor* ao destino que contemplamos seguir sem a passividade do niilista negativo. Dependuramo-nos em esteios: esses destinos que transitam pela caatinga, ora com feição de capão de mato ora com feição de ave de arribação; ora com feição livro e biblioteca, ruas, paralelepípedos...ora com feição de urbanidade tangente.

Fotografia 7



Fonte: Acervo do autor.

Um velho viajante, chamado Gutenberg, antes se perde na paisagem quando carrega o olhar de pedras, chãos e montes. Lá longe, no firmamento, o som é frouxo, ecoa e comove – só pode ser uma acauã! Lamparina o encontra no meio do caminho, e ali mesmo tecem uma ontologia caatingueira.

- De cima para baixo – disse Gutenberg - o Sol abade e bate contra o chão e contra as cãs. E a quentura quem atura? Em Sol, assola a sola do meu sapado. Mas a montaria equina, a minha, cujo casco sofre em sois, se renova a cada dia, pequenina.

- Eu assim não bem penso – porque haverá sempre um íterim de alvares, neste solzão quando pairam as extensas nuvens, que mais acolá fenecem. – afirmou Lamparina.

- Isso eu concordo de todo. Quando não há um silvo amigo, há uma nuvem santa que no céu amansa essa quentura, dela falamos, porém, não reclamamos. O céu, sendo o mesmo, todos os dias, é justo para nós todos, em tudo aquilo que do alto acampa em nossas vidas.

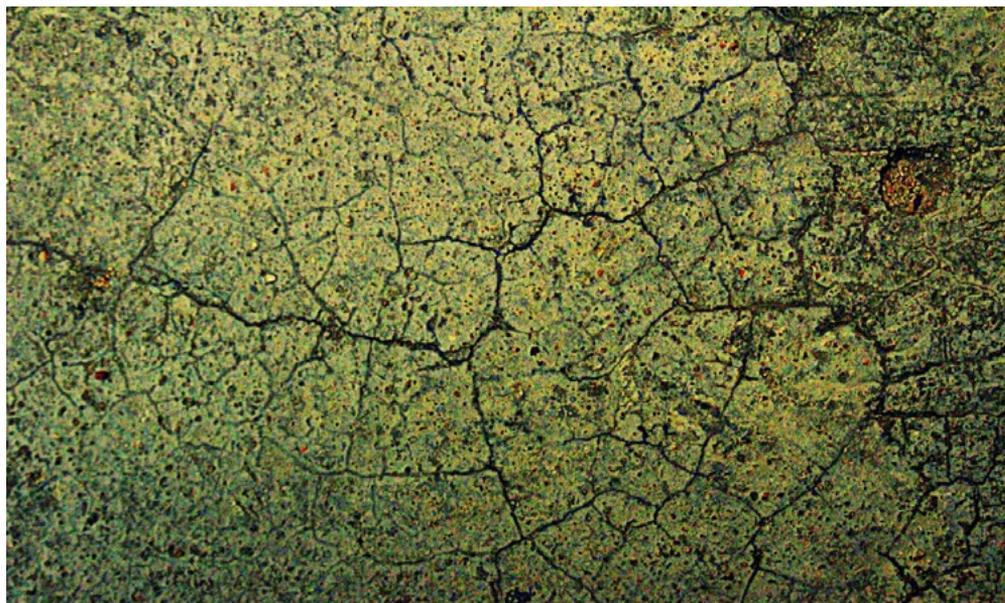
- Verdade! Seguimos. Porém, o que é o homem aqui, senão aquele que pressente que este lugar é mesmo ele? E mesmo ele, e todinho, o lugar na condição de corpo e de pensamento e de alma, de alma *lançada no mundo*, ou *jogada fora do Éden* feérico da arribação. E o meu coração bate em onomatopoeia-outra, soando: “*Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein, Dasein!*”

Eis o microcosmo. Semblante de todo cosmos se assim for reconhecido para o ensejo de uma ordem nova. A ordem da forma e do colorido pelos acasos.

- Mas que ordem é essa, Lamparina? – perguntou Gutenberg.

- As ordenanças do mato em flor, da fauna em flauta, nas copas altas, das frondosidades vicejantes que sobre a luz argentada dá-nos rica sombra.

Fotografia 8



Fonte: Acervo do autor.

O chão da minha casa era um antigo encimentado e abaixo morava um bicho roaz – o tempo. É verde e frinchado aquele chão, onde suas microfissuras teciam caminhos para onde o olhar curioso se embebedava, e o tempo passava, pequenino.

Fotografia 9



Fonte: Acervo do autor.

Fotografia 10



Fonte: Acervo do autor.

O chão da minha varanda tinha um detalhe intrigante: no meio, havia uma frincha bonita e ramificada que avançava com seus ramos negros; acima, um detalhe amarelo. No canto esquerdo, um detalhe em verde, que me lembrava de duas pontas de uma estrela, e, no canto direito, uma bola azul circundada de amarelo, com uma “luazinha laranja” orbitando-a perpendicularmente. No canto, acima da bola azul, a cabeça branca de um tipo de Capra aegrus hircus com dois chifres em espirais.

Alguém neste orbe saberia explicar a teleologia dos seguimentos de uma fissura? Para onde vão, por que vão e para quê? Sob quais forças são desenhadas as fissuras deste chão? Seria apenas para ostentar uma beleza mui subjetiva a partir das regras perdidas do telúrico? “Ora, a humanidade paleolítica compreendia o chão e pedra como presença” – pensou Lamparina – Não era o chão oscilante de um Van Gogh, mas um chão, *sine qua non* esta vida não seria dadivosa.

- Agora mesmo – disse Gutenberg – o Sísifo, o cansado, deixou correr para baixo a pedra daquele monte maior, o tempo. E a pedra, num côncavo de chão, estancou-se e toscanejou em trégua para os homens.

- Ora, deixai Anteu guardando o nono círculo do Inferno em sua forma eneágona. O inferno é para os “sem chão” – não aqueles que viajam descalços por sobre a utopia, mas aqueles que ciscam na atopia, tangenciando para todos os lados.

- Como Anteu levantado do chão tornara-se fraco? Mas, posto no chão – eu sei – este luta com braços em flor e cabelo arboroso. Os olhos são tais como duas uvas rochas colhidas das mãos de Dioníso. Mas que luta ele luta ao luar?

- Nenhuma, contra homens – disse Lamparina – se luta é de letra, a boa, do tipo que corre em tipos móveis. Anteu modernizou-se após ler Spinoza.

- O que fora pedra agora é chão e, um dia, em meio ao fogo, tornar-se-á pedra (e das grandes, certamente um monte, um pico, uma serra, uma cordilheira, dessas que barra vento, do litoral ao sertão).

- Mas o mestre Lêdo Ivo não tinha dito que “a boca do homem é como uma rua”?

- Sim, mas não a pedra e sim o chão, cabe na boca do homem, porque a pedra no meio do caminho é continuamente uma pedra drummondiana. É a pedra que ao largo corre, se pequena ou se grande, é pedra parnasiana.

- Coitado de Sísifo...

Fotografia 11



Fonte: Acervo do autor.

[...] E ao lado, o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda a parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo [...]³.

“Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mal haja-me! Sofro pena de contar não... Melhor, se arrepere: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?”⁴

E “o filósofo, com o interior e o exterior, pensa o ser e o não-ser”⁵, mas é preciso um chão a partir do qual, tal marco, ele tece a episteme do pensar e o modelo do falar.

DEVANEIO DA FORMA E DO PICTÓRICO

Do chão à pedra, a forma não é apenas e tradicionalmente *morfia* geométrica. É algo mais, em conjunto, que se pressente para além da linguagem falada, ou escrita, ou da matemática. A Incógnita, envolvendo com seu manto o chão e a pedra, é o arcabouço, denso como um manto que incide sobre a nossa ontologia, na qualidade de reconvite antigo, do tempo em que nos perdemos da *physis*. “Nas profundezas juntaram-se as fontes/ das tuas alturas e das tuas alegrias, oh, Natureza/ Vieram descansar no meu peito”, - dissera Empédocles.

Quase chão, os líquens que se formam tecendo pequenas rachaduras sobre os sulcos meândricos de uma árvore mimetizam a forma e o pictórico do chão e da pedra como desejo de pertença, de aparência e de essência, no que diz respeito a sua dureza e beleza, e a sua clareza.

Fotografia 12



Fonte: Acervo do autor.

Fotografia 13



Fonte: Acervo do autor.

MARÇO (HAICAIS)⁶

Gotas chilreiam
Chuva na caatinga
Aves se calam

Novo enredo
a vida no tablado
tempo nublado

Chuva de março
verde é cor perfeita
do meu cadarço

Garoa mansa
em pelo eriçado
amor alcança

No imbuzeiro
uma sombra mui rica
quem é herdeiro?

Antes da visada, são as mãos que reconhecem o chão e a pedra, dois instrumentos a favor da vida quando o humano pacifica-se entre lajeiros, pedras e chãos, desfazendo-se de sua pó-ética.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS e aceito para publicação em: abr. 2018.
- 2 NETO, Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- 3 AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço** (1890). São Paulo: Editora Moderna, 1991.
- 4 ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- 5 BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- 6 HÖLDERLIN, F. **A morte de Empédocles**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2001.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso**. São Paulo: Editora 34, 1998.

AMANCIO, José. **O Ocaso Florido** (versos). Maceió-AL: Edições Parresia, 2018.

DA SILVA, Wellington Amancio. Hans Ulrich Gumbrecht leitor de Martin Heidegger - Concepção de produção de presença. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 7, n. 3, p. 515, 2017.

_____. A transição da coisa ao objeto denominado. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia**, Natal-RN, v. 1, n. 17, p. 84-98, dez. 2017.

IVO, Lêdo. **Poesia Completa – 1940-2004**. Rio de Janeiro: Topbook, 2004.

MIRA, Feliciano de. **Ao Correr do Olhar** - Contributos para uma epistemologia metafórica. Arraiolos-Portugal: Edições Subjectivas, Oficina do Espírito, 2013.

**Wellington
Amâncio da
Silva**

Professor Auxiliar da Universidade Federal de Alagoas – UFAL- Campus Sertão. Mestre em Ecologia Humana pela Universidade Estadual da Bahia – UNEB/Campus VIII. wellington.silva@cedu.ufal.br